

SOBRE REVOLUÇÕES, IMAGINÁRIOS E AFETIVIDADES POLÍTICAS: DIÁLOGOS DE PIERRE ANSART COM PROUDHON, MARX E COM A HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA

*On revolutions, imaginaries, and political affectivities:
Pierre Ansart's dialogues with Proudhon, Marx, and
contemporary history*

Izabel Andrade Marson¹

RESUMO

Pierre Ansart (1922-2016) integra uma geração de intelectuais das ciências humanas que lapidaram sua percepção crítica em sensível sintonia com acontecimentos políticos impactantes do século XX. Após a libertação de Paris (junho de 1944), ao sair da Resistência ao nazismo, finalizou o curso de filosofia, ensinou na Indochina (1950-1958), na Sorbonne (1970-1990), e em várias universidades fora da França. Sua carreira se definiu em meio a grandes conflitos – a segunda guerra, a guerra fria, as lutas pela descolonização, a crise dos regimes comunistas e das democracias –, e às discussões renovadoras da filosofia e das ciências sociais sobre existencialismos, marxismos, anarquismos, psicanálise e estruturalismos. Em seus estudos sobre política, Ansart ampliou a compreensão das fragilidades dos regimes comunistas e das democracias liberais explorando problemáticas já colocadas no debate travado entre fundadores do socialismo no século XIX – Saint-Simon, Proudhon e Marx. Também esclareceu práticas recorrentes nas nações europeias do século XX – suas revoluções, imaginários, afetividades políticas e imprevisibilidades históricas. Apoiado em depoimentos e obras, este artigo aborda o diálogo de Ansart com suas fontes, reiterando suas premissas: apresenta-o não como “monumento”, objeto de culto, mas como intelectual crítico com quem podemos debater metodologias e questões que se (re)põem e (re)novam na atualidade – as ameaças às

¹ É Professora Livre Docente Colaboradora do programa de Pós-Graduação em História - UNICAMP. E-mail: imarson@unicamp.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7849-4387>.

democracias colocadas por antigos e “novos” fascismos, “guerras frias” e nacionalismos.

Palavras-chave: Pierre Ansart, revoluções, afetividades políticas.

ABSTRACT

Pierre Ansart (1922-2016) is part of a generation of humanities intellectuals who honed their critical perception in sensitive tune with impactful events of the twentieth century. After the liberation of Paris (June 1944), he left the Resistance to Nazism, finished his studies to become an associate professor of philosophy, and taught in Vietnam (1950-1958) at the Sorbonne (1970-1990) and several universities outside France. His career was defined amidst major conflicts – WWII, the Cold War, the struggles for decolonization, the crisis of communist regimes and democracies –, on the one hand, and renovating discussions in philosophy and the social sciences involving existentialism, Marxism, anarchism, psychoanalysis, and structuralism, on the other. In his studies on politics, Ansart expanded the understanding of the fragilities of both communist regimes and liberal democracies by exploring problems already posed in the debate between the founders of socialism in the 19th century - Saint-Simon, Proudhon, and Marx. He also shed light on recurring practices in 20th century European nations - their revolutions, imaginaries, political affectivities, and historical unpredictabilities. Based on testimonies and texts, this paper discusses Ansart's dialogues with Proudhon and Marx and highlights the premises behind them. It does not present him as a “monument” or a cult object, but as a critical intellectual with whom we can discuss methodologies and issues that are (re)posed and (re)newed today, such as the threats to democracies brought about by “new” fascisms, “cold wars,” and nationalisms.

Keywords: Pierre Ansart; Revolutions; Political Affectivities.

Introdução

Platon, Tocqueville ou Marx pratiquent ici l'art de nouer les relations multiples, matérielles et/ou symboliques, sociologiques et/ou psychologiques, pratiquant ainsi, comme le suggère Platon au sujet de l'art politique, l'art du tissage qui consiste à réunir les fils multiples. Ces pages peuvent enseigner au politologue ou au sociologue d'aujourd'hui l'art difficile d'articuler les registres ou, en d'autres termes, de tisser sa toile. [ANSART, 2002 :30]

Esta reflexão se desdobra de expectativas do Colóquio *Linguagens políticas que figuram sentimentos e sensibilidades. Homenagem a Pierre Ansart (1922-2016)*, realizado na Unicamp, em outubro de 2018, quando os organizadores do evento propuseram maneiras de prestigiar este sociólogo, historiador, professor emérito da Université Paris VII-Denis Diderot, colaborador constante na formação e atuação de nosso *Núcleo História e Linguagens Políticas*. Decidiram, então, perscrutar possíveis herança(s) na obra de Ansart, a partir das quais refletiu, dialogou, ensinou e criou instigantes indicações teórico-metodológicas para nosso trabalho. Herança(s) entendidas, segundo Derrida, como “*re-afirmação* que ao mesmo tempo continua e interrompe [o passado]; (...) que se assemelha a uma eleição, a uma seleção, a uma decisão” [DERRIDA&ROUDINESCO, 2001:15-16]. No intuito de contribuir com essa iniciativa considero que, também Castoriadis, ao avaliar o quanto “a história humana é criação”, nos referencia a contraditória e criativa relação entre passado e presente: “Uma relação com o passado supõe fazê-lo reviver como nosso e independente de nós, ou seja, capacidade de entrar em discussão com ele aceitando ao mesmo tempo que ele nos questione” [CASTORIADIS, 2004:196]. E o próprio Ansart, companheiro de geração e de expectativas políticas desses filósofos, nos orienta nessa abordagem ao dizer: “Plutôt que ‘retours’ je préférerais parler ‘d’actualisations’ car c’est le présent qui fait revivre et qui ré pense une oeuvre du passé, et qui le fait revivre de façons différentes” [ANSART, 2004 :99].

As contribuições de Ansart aparecem em muitos relatos de colegas de trabalho na Universidade. Em textos que integram esse dossiê, Claudine Haroche ressalta o pioneirismo, nos anos 1980, no estudo das relações entre as emoções e o político e, posteriormente, na análise do ressentimento e da humilhação, decorrências do ódio recalcado que germinou nas práticas cotidianas das democracias liberais. Eugène Enriquez, amigo e *compagnon de route*, assinala a empenhada decifração dos modos de gestão das paixões políticas nos regimes contemporâneos (totalitarismo e democracias) e a análise exaustiva dos conceitos dessas paixões. Outros sociólogos lembram reflexões sobre a sociologia política e o diálogo desta especialidade com as ciências humanas. Em obra a ele dedicada, em 1992, France Aubert comenta o amplo espectro de temas e de relações acadêmicas que preocuparam Ansart: “les fondements de la sociologie, son histoire, son épistémologie, les ideologies, les affects politiques, la didactique des sciences sociales” [AUBERT, 1992:7].

Pierre Fougeyrollas, interlocutor constante nas reflexões sobre o marxismo², projeta o Ansart discípulo de Georges Gurvitch, estudioso dos “mestres” da sociologia na França, em destaque Saint Simon e Proudhon, e investigador de possibilidades para uma renovação do socialismo, interrogando aproximações de Marx com o anarquismo, as razões de seu rompimento com Proudhon e, em sua teoria, eventuais compromissos com princípios totalitários. Um analista dos sentimentos políticos e dos aspectos afetivos, emocionais e institucionais das ideologias; e um dedicado professor e pesquisador das questões pedagógicas no ensino universitário:

Il ne serait pas inexact, selon nous, de dire que la pensée sociologique d'Ansart a trois sources : une réflexion sur Saint Simon, un affrontement avec Marx et une profonde admiration pour Proudhon (...). Professeur de style classique, Pierre Ansart s'est remis volontairement en question en vue d'une efficacité pédagogique supérieure et à travers un dialogue toujours maintenu avec ses étudiants qui ne lui ménagent pas leurs sentiments de confiance et de respect [FOUGEYROLLAS, 1992:11;15].

Ao buscar compreender carreira tão criativa e identificar questões para um diálogo com Ansart sobre temas atuais, sistematizei comentários sobre percursos políticos, teóricos, temáticos e profissionais registrados em seus textos, particularmente no “*Itineraire*” (ANSART, 1992a), no depoimento “*De Hanoi aux Passions Politiques*” (ANSART, 1996) e na entrevista a Alain Pessin e Mimo Pucciarelli, tornada livro - “*Pierre Ansart & L'anarchisme proudhonien*” (ANSART, 2004). Pelo fato de (re)compor depoimentos, tomei a liberdade de incluir neste texto citações mais longas do que o costumeiro, de maneira a preservar falas do próprio Ansart. Nelas, é possível perceber que, dentre outras premissas, nas escolhas acadêmicas e políticas reverberaram fortemente contingências de sua experiência histórica: a recusa veemente da violência praticada na política e nas guerras

2 Homenageado em coletânea organizada em 1993 por Ansart: ANSART, Pierre.(org.) *Rencontres autour de Pierre Fougeyrollas*. Paris:Harmattan, 1993.

do século XX³; a “desconfiança” frente às burocracias e ao autoritarismo; o “horror” aos totalitarismos, sobretudo ao fascismo, a desilusão para com o capitalismo e as democracias liberais, a crítica à fragmentação das disciplinas das ciências humanas, aos esquemas interpretativos de matriz econômica, ao culto às figuras políticas tornadas referências irretocáveis, esses últimos, temas centrais no debate teórico que mobilizou intelectuais de sua geração oponentes do marxismo soviético, a exemplo de Maurice Merleau-Ponty, Claude Lefort, Cornelius Castoriadis, Jean-Paul Sartre, dentre outros.

Na (re)memoração do trabalho como professor e pesquisador repercute o quanto foi sensibilizado pela ocupação alemã, os conflitos na Indochina e na Argélia, as competições políticas da guerra fria, a crise do marxismo e o recrudescimento do anarquismo (1940-1970), situações (re)novadas com a invasão russa à Ucrânia justamente no momento, 24 de fevereiro de 2022, em que finalizo este texto. Também esclarece razões da preferência pela investigação da querela Proudhon-Marx e da “profunda admiração por Proudhon” que o levou a dedicar-se à Société Pierre- Joseph Proudhon (1986), da qual foi um dos fundadores e presidente (1986-1993)⁴. Ali criou espaço para continuar debatendo realizações e propostas daquele teórico do socialismo, e praticar criticamente política e conhecimento “La Société Proudhon ne réunit pas des dévots, dociles à un dogme, mais des esprits libres et critiques, résolus à poursuivre la discussion comme Proudhon lui-même le souhaitait et en a donné l'exemple” [Archives Proudhoniennes. 2012, 27].

Ao sistematizar com sensibilidade experiências desafiadoras que vivenciei, Ansart comenta:

Je dirais que je suis sorti de la guerre et de la Résistance avec quelques évidences simples : l'horreur des facismes, la méfiance à l'égard des risques contenus dans le capitalisme dit sauvage, une hostilité diffuse à l'égard de toutes les bureaucraties, l'idée que les solutions aux problèmes sociaux ne pouvaient provenir que d'un socialisme renouvelé. Tout cela fabriquait un

3 Em 1999, Ansart assinou a petição “Les Européens veulent la Paix”, proposta pelo coletivo “Non à la guerre”, que se opunha ao conflito em curso na Sérvia.

4 Nas palavras de Ansart: “C’est une société qui regroupe actuellement cent personnes environ ; elle est fondée en 1986. Il existait, auparavant, un réseau d’amis, grands lecteurs et critiques de Proudhon, comme Jean Bancal, Bernard Voyenne, qui se recontraient aux Hautes Études en Sciences Sociales dans le séminaire de Mme Férenczi. Ces amis de Proudhon ont souhaité créer une société destinée à favoriser les travaux sur l’oeuvre de Proudhon, à mieux la faire connaître, et à réunir militants, syndicalistes, universitaires et sympathisants [ANSART, 2004 :120].

‘imaginaire’ socialiste ouvert à de nouvelles réponses [ANSART, 2004:60].

Acompanho iniciativas, escolhas e argumentos de Ansart para sinalizar como, juntamente com a “querela Proudhon-Marx”, revoluções, imaginários, afetividades políticas e imprevisibilidades na história tornaram-se temas políticos preferidos. Em outros termos, como, inspirando-se nos “clínicos” das paixões políticas, o sociólogo-historiador Pierre Ansart praticou “l’art difficile d’articuler les registres ou, en d’autres termes, de tisser sa toile” [ANSART, 2002:30].

1. “*Horror aos fascismos*”

La guerre fut une expérience incontestable ; celle du sérieux de la chose politique, l’expérience de la violence illimitée et de la haine, l’expérience de la domination contre laquelle la résistance s’impose comme une évidence naturelle [ANSART, 2004 :35].

Ao afirmar que saiu da guerra e da Resistência com “horror aos fascismos”, Ansart sistematiza percepção de quem sofreu, de diversas formas, o impacto das intervenções nazistas na ocupação da França (1940-1944), evento que o atingiu quando se preparava para entrar na universidade. A expressão “horror” aglutina sentimentos fortes de surpresa, humilhação, medo, ódio, raiva e revolta ocasionados pela violência extrema daquela agressão que destruiu por alguns anos a autonomia do país e transtornou profunda e dolorosamente a vida de seus cidadãos. Ansart narra os princípios do avanço nazista: os bombardeios, a separação de seus familiares, a fuga terrificante e solitária. E, posteriormente, a humilhação de ver a moradia da família requisitada por soldados alemães com os quais, ele sozinho, teve que conviver por um tempo.

Pour moi, j’avais ressenti l’extrême de la peur et de la haine. Il me semblait que ce n’étais plus exactement la guerre avec ses

conquêtes et ses lignes de front, mais l'organisation féroce de la mort, ordonnée par les chefs nazis, exécutée docilement par des soldats disciplinés, jetant ses bombes sur les civils parfaitement inoffensifs. Tout cela me tournait dans la tête sans que je puisse l'exprimer [ANSART, 2004:28].

A entrada na Sorbonne para cursar filosofia, em outubro de 1941, quando o domínio do invasor se estabilizou, aconteceu em situação de muitas dificuldades, a pior delas, em 1942, quando o curso foi interrompido porque o estudante fora convocado, assim como muitos jovens franceses, para trabalhar em indústrias de armamento na Alemanha. A negativa em aceitar a convocação o jogou na clandestinidade por tornar-se um “refratário”, procurado pelas autoridades alemãs e também por franceses colaboradores do invasor. Refugiado em pequena cidade do interior, junto a parentes paternos, Ansart passou a integrar a Resistência.

Em estudo sobre esse tema, Michèle Ansart-Dourlen projeta a amplitude do movimento que envolveu combatentes diretos (os *maquisards*) organizados por lideranças muito conhecidas (Jean Moulin, Henry Frenay), por intelectuais (Pierre Brossolette, George Bernanos, Marc Bloch) e por grupos políticos, o mais ativo deles o Partido Comunista Francês. Mas contou também com centenas de atuações anônimas que, mesmo pequenas, implicaram em grandes riscos, engajadas em causa tanto moral quanto política de uma luta “patriótica” de salvação nacional:

On a souvent dit, répété, que peu d'hommes se sont dressés contre le pouvoir nazi. Mais ce qui nous est apparu progressivement le plus étonnant, c'est que beaucoup plus d'individus qu'il n'est couramment admis ont rapidement voulu réagir, avec des moyen modestes, voire dérisoires, malgré les divergences des appartenances politiques. Parmi eux, beaucoup sont restés anonymes, soit parce que leurs gestes leur aient semblé si naturels qu'ils n'ont pas eu le souci de les faire connaître, soit qu'ils aient disparu dans les prisons de la Gestapo ou en déportation . (...) la majorité des résistants engagés totalement dans la lutte avaient découvert dans l'action d'autres formes de citoyenneté, dominés par le sentiment de fraternité ; et la passion de la fierté, le refus de

l'humiliation, (...)L'engagement était autant moral que politique⁵
[ANSART-DOURLIN, 2004:7-10].

À incontornável decisão de integrar a Resistência, assim como tantos outros jovens, vinha se somar a atos menores praticados antes da convocação nazista para o trabalho, como pichações do “V” da vitória em paredes das casas de Corbeil, sua cidade natal, nas saídas noturnas, ou o acompanhamento das transmissões do governo da França livre no exílio, sob o comando do general de Gaulle. Foram contrapartidas importantes para extravasar o ressentimento e superar a vergonha de se sentir em um país vencido. A rigor, a existência de um governo no exílio, embora nem sempre houvesse afinamento político com ele, demonstrava uma nação não dominada completamente e a possibilidade de uma ocupação provisória: “Notre humiliation n'était un état ni nécessaire ni durable ; nous n'avions plus à nous lamenter sur notre sort” [ANSART, 2004:33]⁶.

A vivência extrema de sentimentos políticos durante a ocupação alemã marcou significativamente a trajetória do então estudante de filosofia. No segundo semestre de 1944, logo após a *Libération* de Corbeil e de Paris (agosto de 1944) propôs a Émile Bréhier, professor de história da filosofia, o preparo de uma memória sobre o tema “*La theorie des passions chez les Stœiciens, Descartes et Spinoza*”. Com o término da guerra na Europa, finalizou os estudos e auxiliou a irmã Geneviève em curso de preparação de alunos para a universidade, sua primeira atividade no ensino. Em 1950, ingressou no quadro de docentes de escolas públicas francesas e se tornou professor de filosofia em liceus e universidades do Vietnã. Assim, o envolvimento direto com situações de guerra efetiva ou de ameaça de guerra, continuaria a ser referência expressiva em sua percepção dos regimes, comportamentos, afetos políticos e imprevisibilidades na história.

5 Michèle Ansart-Dourlen (Filósofa e psicanalista, professora emérita de filosofia da Université Paris-Sorbonne Paris IV), especialista no estudo da psicologia política de personalidades da revolução Francesa, especialmente dos jacobinos. Foi esposa de Pierre Ansart.

6 Compreender como de Gaulle pode aglutinar franceses de diferentes origens e credos políticos foi objetivo de estudos posteriores de Pierre Ansart e de sua esposa Michèle Ansart-Dourlen (ANSART:1997;ANSART-DOURLIN:1998:259-287).

2. Do Vietnã à Argélia – convivências e posicionamentos frente às guerras da descolonização

Mais, après l’euphorie de la libération, je fus surtout préoccupé par les guerres d’indépendance : la situation du Vietnam m’était apparue comme un problème relativement simple où l’on ne pouvait que rejoindre le mouvement de libération. Et, non sans inquiétude, j’avais la même attitude à l’égard de la guerre d’Algérie. C’était là mes préoccupations majeures [ANSART, 2004:60].

Obtida a “*agrégation*”, Ansart e outros professores se dirigiram a liceus franceses no Vietnã, vários deles remanescentes do período em que a França exerceu um protetorado político na Indochina (1885-1949). Ao fim da guerra contra os japoneses (1945), essas instituições foram reconstruídas fisicamente (havia sido muito danificadas pelas operações da guerra) e passaram por muitas reformulações pedagógicas cobradas pela independência da região, firmada desde 1945 no norte e, 1949, no sul. Segundo Thuy Phuong Nguyen, “Após a segunda guerra mundial, os franceses transformam a missão civilizadora em uma diplomacia cultural encarregada de reter as elites vietnamitas na esfera da influência francesa” [NGUYEN, 2016:170].

Dentre as mudanças pedagógicas estavam a incorporação de estudantes vietnamitas ao quadro discente e, no currículo, a inclusão do estudo da língua, da história e da cultura local. O escopo oficial do governo francês era construir uma “União Francesa” mantenedora de vínculos entre a ex-metrópole e seus ex-protetorados, para o que se impunha preparar uma elite local e entregar a ela cargos administrativos e culturais subalternos. Tal objetivo, entretanto, enfrentava muitas resistências de políticos da região e, também, de opositores liberais e de esquerda ao governo na França [NGUYEN, 2016:170]. O intuito do governo francês, ainda controlado por colonialistas, era preservar ali espaço para uma atuação ameaçada pela concorrência dos americanos, soviéticos e chineses [NGUYEN, 2013:136-146].

Desse modo, nos oito anos em que atuou na Indochina (1950-1958), Ansart vivenciou expressivamente três experiências políticas dominantes por várias décadas do século XX: as guerras de independência das colônias

francesas no Oriente e na África e, juntamente com elas, a competição entre os Estados Unidos e seus antigos aliados na segunda Guerra (França e Inglaterra) pela interferência nos territórios coloniais. Ainda, acompanhou, na Indochina, reverberações da guerra fria entre os Estados Unidos e a União Soviética na disputa por áreas na Ásia.

Chegou ao Vietnã em momento particularmente complicado, quando diferentes correntes nacionalistas concorriam pela unificação do território interferindo na vida das escolas. No sul, havia partidários dos princípios educacionais colonialistas e de um projeto de recolocação da presença hegemônica da França. Havia também nacionalistas pró-americanos, como o partido do líder Ngo Dinh Diêm, defendendo a ampliação de escolas oficiais, a finalização da presença estrangeira no ensino, e a unificação do país sob controle de Saigon. No norte, dominavam nacionalistas viet-minh, sob comando de Ho Chi Minh, apoiados por chineses e soviéticos. Alguns professores franceses aderiram a essa orientação vigente no norte, logo identificada com o comunismo, chegando a se engajar na luta de expansão para o sul [NGUYEN, 2013:155-160]. Ansart menciona o caso de Georges Boudarel, professor de história do Liceu da cidade de Dalat [ANSART, 2004:53].

E havia os simpatizantes da libertação do Vietnã conduzida pelos viet-minh, porém sem atrelamentos às grandes potências. Queriam um país independente, um ensino crítico e pluralista, aproximando as duas culturas e possibilitando aos alunos escolhas distantes dos extremismos ancorados na guerra fria. Neste grupo estava o professor de filosofia Pierre Ansart, identificado como “esquerda”⁷ que atuou discretamente em Hanói (1950-1953), enquanto lecionava no *lycée Albert Sarraut*, e na recém-criada Faculdade de Letras. Quando o domínio comunista se acentuou, deslocou-se para Saigon e ensinou, entre 1953 e 1958, no *lycée Chasseloup-Laubat* e na universidade:

J’ai perçu rapidement que les attitudes politiques m’étaient sympathiques, moi non plus je n’avais pas besoin de faire la

7 “Pierre Ansart, arrivé en 1950, est professeur de philosophie à Albert-Sarraut. Marqué à gauche, c’est avec discrétion qu’il est en contact avec des Vietnamiens de l’autre camp.(...) Ansart fait attention à ne pas faire de politique en cours, et, bien que ses opinions soient connues, il arrive à maintenir une certaine neutralité. (...). Mais cette neutralité de façade ne suffit pas”[NGUYEN, 2013 : 159]. Assim como outros professores e alunos dos liceus, Ansart foi entrevistado pela autora deste alentado estudo sobre escolas francesas no Vietnã, em dezembro de 2009.

propagande, il y avait de petites indications en parlant de la nation, du nationalisme, de la différence de cultures. Donc, ils connaissaient mes opinions politiques mais ils n'exigeaient pas que j'affirme mes thèses politiques. Nous partions du meme principe que le lycée n'était pas un lieu de politisation [ANSART, 2004:159].

Até para não criar atritos com seus superiores, o professor de filosofia optou pelo ensino crítico e livre, simpatizante do existencialismo de matiz socialista e favorável a uma efetiva independência e unificação do Vietnã⁸. Essa forma de intervir ressoa em depoimentos de ex-alunos com os quais manteve contato, até porque vários deles terminaram por se fixar em outros países, acompanhados de suas famílias e, na França, criaram uma Associação de ex-alunos dos liceus franceses que homenageou Ansart em 2005. É o caso do médico Trinh Nghia Trinh, aluno do *lycée Chasseloup Lobat* (Saigon) turma de 1955-56, autor de texto publicado em abril de 2005, onde anota o esforço do professor de filosofia no desenvolvimento do espírito crítico e de liberdade de pensamento dos jovens alunos, opinião compartilhada com vários outros colegas:

Je me dois d'évoquer aux plus jeunes le contexte de l'époque, (...) Avant 1955 : le désert. En dedans de mois : le confucionisme familial ; en dehors : la propagande naissante du "personnalisme" bientôt mise à toutes les sauces. Ansart est venu : il y a comme un souffle. Cinquante ans après, j'essaie d'analyser les ingrédients de ce bouleversement. D'abord e surtout, l'apprentissage de l'esprit critique. Pour la première fois, l'on avait l'impression de penser par soi-même et l'on découvrait émerveillé l'intrusion du subjectivisme dans notre conscience, l'individualisation du regard, la conquête de la liberté, le mépris ironique des corporations, des corps constitués, de la convention. La lecture de Sartre première manière était pour beaucoup un événement fondateur dans les milieux scolaires dans la société. Ensuite le retour aux sources, aux textes de référence.(...) Autre apport de

8 Ansart intitula assim a primeira parte de seu depoimento: "De Corbeil à Hanói em passant par l'existentialisme". [ANSART, 2004 : 9]

l'enseignement d'Ansart : l'interpenetration des disciplines et la constitution d'un fonds culturel général [TRINH, 2005:7-8].

Mas a discrição do professor assumia contornos mais incisivos fora dos muros escolares: associava o estudo do passado ao do presente do Vietnã com a colaboração em atividades políticas clandestinas, iniciativa que lhe traria alguns problemas. O estudo da cultura local se impôs desde quando, na chegada, Ansart se deparou com uma civilização milenar. Em suas palavras, nos territórios asiáticos pelos quais viajou (Laos, Camboja, Japão, Hong Kong), sobretudo no Vietnã, ensinou e aprendeu muito, tendo sempre em vista um projeto multicultural anti-colonialista e contrário à política do governo francês:

Je consacrai une grande partie de mon temps à étudier la vie, les mœurs, l'histoire des vietnamiens (...) Tout cela conduisait notamment à me renforcer dans mon opposition complète à l'égard de la politique française de l'époque, qui, à mes yeux, conduisait inéluctablement à l'échec. (...) Partout j'étais sensible à la force de résistance de ces cultures et à l'absurdité de vouloir les contraindre à se soumettre à une organisation sociale et politique décidé à Paris [ANSART, 2004 :54].

Conjuntamente com o trabalho na sala de aula e o estudo da cultura local, Ansart desenvolveu atuação mais expressiva ao aproximar-se de intelectuais vietnamitas do sul, e apoiar a impressão de panfletos que apelavam pela reunificação do país. Mas as condições políticas da região e a vigilância dos superiores não permitiram manter tais atividades, especialmente após o rompimento entre os dois Vietnãs. Acompanhou o início da guerra civil, o avanço do norte em áreas do sul, eventos que procurou divulgar na França em carta para o *L'Express*⁹, à revelia de seus superiores:

9 Fundado em 1953, *L'Express* integrou o grupo de jornais composto por *Témoignage Chrétien*, *Le Monde* e o *France Observateur* que denunciaram as violências praticadas pelas tropas francesas durante as guerras da Argélia e da Indochina. Intelectuais famosos ali escreveram : Albert Camus, Jean-Paul Sartre, André Malraux, Françoise Sagan e François Mauriac.

Rapidement, je pressentis que le Vietnam du Sud ne durerait guère et que l'agitation des campagnes et les désordres politiques faisaient une voie royale aux militants venus du Nord. J'écrivis une longue lettre à l'hebdomadaire L'Express sur ce thème, ce qui m'attira des nouvelles difficultés avec mon administration. (...) Heureusement, ces censeurs ne surent jamais que mon appartement servait, chaque semaine, d'imprimerie pour des tracts appelant à la réunification entre le Nord et le Sud. C'est le moment où cette propagande avait nouvelle cible : non plus l'armée française qui s'était retirée, mais l'armée américaine dont les observateurs distinguaient l'arrivée des premiers éléments [ANSART, 2004 :55].

Deixou o Vietnã em 1958 e, já em Paris, integrou-se no debate sobre uma outra guerra colonial, desta feita na Argélia, na qual considerou a posição da França bastante similar àquela praticada no sudeste asiático. Sobre esta outra guerra manteria o posicionamento assumido no Vietnã: nada poderia mudar a determinação dos povos da Argélia na luta conduzida pela Frente Nacional de Libertação (FLN), ou seja, o governo francês deveria respeitar o direito daqueles povos à autonomia e à livre escolha de suas instituições [ANSART, 2004:58].

Também nessa circunstância atuaria discretamente aproximando-se de seguidores de Jean-Paul Sartre, na figura do ex-secretário Francis Jeanson, que organizava apoio aos combatentes e a prisioneiros argelinos na França. No entanto, um encontro entre eles, em Bruxelas, logo explicitaria as diferenças de entendimento para o desfecho daquele conflito – enquanto Ansart insistia na ideia de auto-gestão Jeanson não acreditava nessa possibilidade, em virtude da intervenção das potências envolvidas na guerra fria, Estados Unidos e União Soviética, posição reconhecida por Ansart: “Il connaissait parfaitement les problèmes du FLN, la situation des campagnes et les difficultés que rencontrerait nécessairement le nouveau pouvoir à Alger après la conquête de l'indépendance.(...) je dû me rendre à ses argumentations”[ANSART, 2004 :59].

Além do apoio aos movimentos de independência na África e no Oriente, havia a contingência de posicionar-se sobre a situação política de países da própria Europa, em especial, buscar alternativas ao comunismo stalinista cujas ações de força (internas e externas à Europa) ganhavam publicidade. Atos praticados antes, durante e após a grande guerra, como a

eliminação de adversários internos, a perseguição aos anarquistas durante a guerra civil espanhola (1936-39), a ocupação de países bálticos (Lituânia, Estônia e Letônia) garantida pelo acordo entre Stalin e Hitler em 1940, a criação de campos de prisioneiros na Sibéria, e a recente intervenção na Hungria (1956). Colocava-se, então, a questão de distanciar-se, cada vez mais, das políticas de força soviéticas e “hostilizar” a burocracia e orientações do stalinismo – acolhidas pelos partidos comunistas em todo mundo, inclusive pelo Partido Comunista Francês – procurando alternativas para uma renovação do socialismo. Esta preocupação inspirou a procura por críticos do comunismo, pelas matrizes do socialismo e do anarquismo, o que o levou ao debate entre Proudhon e Marx. Iniciar-se-ia aí uma investigação da qual seriam desdobrados diferentes temas e problemáticas, como as revoluções, os imaginários e as paixões políticas.

3. Hostilidade a todas as burocracias – “do PSU à anarquia positiva passando por Gurvitch”¹⁰

Au lendemain de la guerre, la question du marxisme et du communisme se posait comme un problème majeur de la vie intellectuelle en France. Le parti communiste, fort de la gloire de l’armée soviétique victorieuse du nazisme, fort du prestige de la Russie soviétique, guide des démocraties populaires, constituait le premier parti de France, approuvé par de nombreux intellectuels. Mon expérience personnelle et notamment le souvenir du pacte germano-soviétique auquel s’ajoutaient quelques informations sur les camps de travail soviétiques me conduisaient à douter de l’ordre communiste et à en soupçonner la propagande de mensonges [ANSART, 2004 :65].

10 “Du PSU [parti socialiste unifié] à l’anarchie positive en passant par Gurvitch”. Assim se intitula a segunda parte do depoimento de Ansart a Alain Pessin e Mimmo Pucciarelli [ANSART, 2004:57].

A convivência com os totalitarismos do século XX – o nazismo e o comunismo soviético – na Europa e na Indochina acentuaram o descrédito de Ansart em governos signatários de burocracias autoritárias e o levaram a interessar-se por propostas socialistas críticas daquelas orientações. Anota os primeiros vestígios da percepção deste problema ainda no curso de filosofia, em 1942, quando conheceu a querela Marx – Pierre-Joseph Proudhon. Então, chamara-lhe a atenção o contraponto entre as acusações feitas por Marx a Proudhon – designado como “utopista” e “pequeno burguês ignorante do socialismo científico” – e “denúncias” de Proudhon ao capitalismo, que o impressionaram: “De ce jour je me promis de continuer les lectures de ce socialiste réprouvé” [ANSART, 2004 :40].

O interesse pelo tema voltou à baila no final da guerra, quando se preparava para o exame de “*agrégation*” - 1946-1949. Foi assunto de conversas com o colega Marc Foray, com quem tinha afinidades e diferenças. Embora concordassem sobre a pertinência d’*O Capital*, Foray estava “convencido e apaixonado pelo marxismo” e muito orgulhoso das “proezas técnicas e do progresso industrial” da União Soviética, sobre as quais Ansart tinha muitas desconfianças. O comentário abaixo é especialmente ilustrativo das discussões dentro da esquerda francesa e europeia naquele momento, quando emergiram severas críticas ao desempenho dos comunistas alinhados com a URSS:

Marc conciliait sans effort deux vertus que je tenais pour grandes qualités, d’être convaincu et passionné par le marxisme et, d’autre part, d’être d’une drôlerie inépuisable. Il ne jurait que par Marx et rapprochait à tous nos professeurs de philosophie de l’ignorer totalement dans leurs programmes. (...) Mais nous pouvions nous entendre sur la pertinence du *Capital*. Par contre, je ne supportais pas ses propos indéfiniment élogieux sur l’Union Soviétique, sur ses prouesses techniques et sur son progress industriel, (...) La querelle entre Proudhon et Marx était l’un de nos sujets d’élection [ANSART, 2004:51].

A questão das relações entre marxismo e o comunismo soviético, em debate desde os anos 1920 e razão de várias dissidências marxistas na

França e fora dela, continuava na ordem do dia no final dos anos 1950¹¹ quando Ansart retornou do Vietnã decidido a elaborar a tese de doutorado. Nesse retorno, não se sentiu confortável na tentativa de integrar-se ao PSU, o partido Socialista Unificado, nem aos grupos dissidentes do PCF organizados por Sartre, de quem era “um admirador, mas sem devoção”¹² porque “J’avais quand même découvert que je n’avais aucune disposition pour ce type de militantisme dans un parti quel qu’il soit. Je devais être trop proudhonien pour ce genre d’action-inaction” [ANSART, 2004 :58]

Aproximou-se academicamente de Georges Gurvitch, disposto a retomar o debate intelectual e político francês de meados do século XIX para construir minuciosa reflexão sobre as relações de Marx com temas, colocações e pressupostos de suas referências socialistas francesas – particularmente Saint Simon e Proudhon - estudo do qual resultou o livro *Marx e o anarquismo* (1967):

Nous nous proposons (...) confronter ces trois auteurs pour tenter de restituer un champ conceptuel commun sur le fond duquel les originalités réelles pourraient mieux se percevoir. (...) nous nous proposons de les étudier hors de toute préoccupation politique et d’examiner le contenu des analyses sociales plutôt que leurs conclusions pratiques.(...) Proudhon et Marx furent, l’un et l’autre, conscients de reprendre des thèmes qui avaient été exposés avant eux par Saint-Simon, et de participer dans une certaine mesure, à de mêmes formes de pensée [ANSART, 1969: 9].

Afinidades políticas, teóricas e metodológicas o ligariam a Gurvitch: estudioso da obra de Proudhon e professor da Sorbonne desde 1949, desenvolvia reflexão multidisciplinar aproximando o direito, a filosofia, a história e as ciências sociais. Também, para ele, a admiração por Proudhon

11 Nesse contexto, vários intelectuais romperam com o Partido Comunista Francês: Maurice Merleau-Ponty, Jean-Paul Sartre, Henri Lefebvre, Cornelius Castoriadis, Claude Lefort, Lucien Goldman, Pierre Fougeyrollas, dentre outros.

12 “On ne pouvait pas échapper à la richesse foisonnante de ses analyses, mais j’étais gêné par la docilité manifestée à l’égard de la censure allemande, alors que tant d’autres écrivains, comme Mauriac, avaient choisi de se taire plutôt que de se soumettre au contrôle de la Gestapo” [ANSART, 2004 :50].

tinha razões históricas, científicas e políticas, não sendo apenas uma procura por erudição. Era um exilado e dissidente das orientações adotadas pelo socialismo na Rússia ainda antes da Revolução de 1917, que escolhera a França como lugar para seus estudos [ANSART, 2004:61-62].

Portanto, no final dos anos 1950, Proudhon continuava a ser alternativa teórica para se construir uma argumentação crítica dos marxismos e do comunismo e pensar uma renovação do socialismo. Tratava-se, portanto, de mobilizar heranças, personagens e circunstâncias de um debate flagrado nas suas origens, nas revoluções do século XIX e nos projetos socialistas a eles relacionados, tanto para explicitar no debate Proudhon-Marx a pertinência histórica das teorias proudhonianas, como colocar em dúvida a conformidade entre as orientações do comunismo soviético e princípios de Marx: “Rapprocher Proudhon et Marx, c’était revenir aux sources du débat, c’était aussi trouver indirectement l’occasion de mettre en doute la conformité du gouvernement stalinien aux idéaux de Marx”. Tornava-se importante avaliar quais premissas os levaram a pensar projetos políticos tão diversos, como o anarquismo e o comunismo; e qual argumentação teórica seria melhor fundamentada e, do ponto de vista histórico, mais convincente [ANSART, 2004:65].

Ansart apoiou sua análise em três orientações: reconhecer o curso das proposições frente às situações históricas vivenciadas entre 1840 e 1870; flagrá-las em diferentes registros – obras teóricas, históricas e escritos pessoais; e, principalmente, conceber seus personagens não como “monumentos”, mas como pensadores imbricados numa disputa real sujeita às injunções da história, da política e das emoções. Esclarece os motivos pelos quais Proudhon, e não Marx, o havia “seduzido” mais intensamente: tratava-se de analista cujas percepções eram mais abrangentes e maleáveis por acompanharem explicitamente as mudanças e, especialmente, porque não se considerava “détenteur d’une vérité achevée dont il aurait le secret, mais un libre chercheur qui prend à témoin son lecteur et l’invite à penser avec lui” [ANSART, 2004:63].

Sensibilizado pela complexidade das contradições econômicas, políticas e sociais, pelas alterações históricas e realista frente às dificuldades colocadas pelas resistências dos interesses e sentimentos humanos, em especial os afetos políticos — em outros termos, pelas expectativas permanentes na sociedade contemporânea — Proudhon percebera a dimensão utópica dos comunismos: “En effet, dans son mouvement de scepticisme à l’égard des utopies, Proudhon examine attentivement, dès 1846, les possibilités du

communisme et fait une critique des impossibilités concrètes et en conclut au caractère utopique du project communiste” [ANSART, 2004:65].

4. A “querela” Proudhon - Marx: Proudhon e os problemas que permanecem

Néanmoins, il nous semble nécessaire de donner à la permanence des problèmes plus d’importance qu’à la permanence des écrits. Proudhon, en effet, a posé des questions d’ordre général sur l’alienation dans le travail, dans la vie politique, qui ont un caractère universel et qui assure à sa dénotiation une forme permanente d’actualité [ANSART, 1992b :109].

Na retomada da querela Proudhon – Marx, Ansart frisa a “lucidez” de Proudhon, ou a perenidade e vigor de seu pensamento, na avaliação dos problemas permanentes da sociedade capitalista nos séculos XIX e XX, razão da “presença do proudhonismo nas sociologias contemporâneas” interpeladoras das dominações políticas, do peso das burocracias e do declínio do comunismo [ANSART, 1992:94-110]. Também os recorrentes retornos, desde o século XIX, aos escritos daquele teórico e do anarquismo, sempre pautados por intensas afetividades de paixão ou ódio pelo personagem as quais, inclusive, impossibilitavam concebe-lo como um “monumento” político similar ao ocorrido com Marx [ANSART, 1997a:109].

Apontamentos para a explicação daqueles problemas que persistem – sobretudo as alienações política e religiosa e conflitos de classe - constavam dos escritos de Proudhon quando reconheciam inconsistências nos pressupostos do comunismo defendido por Marx. A primeira delas seria o princípio da “alienação política”, decorrente da sobreposição de imaginado interesse coletivo, representado no Estado, às vontades individuais. Lembra Ansart, tal premissa inspiraria, posteriormente, adeptos do marxismo, leninistas e stalinistas, na justificativa de regimes totalitários:

La lucidité de l'anarchisme proudhonien contre l'aliénation politique a été remarquable encore. Bien peu, dans les mouvements socialistes, sinon personne, n'avait imaginé qu'une révolution socio-économique visant à supprimer la propriété privée des moyens de production, contenait les potentialités d'un totalitarisme politique [ANSART, 2004 :94-95].

A segunda inconsistência se ancorava em um conceito de “luta de classes” idealizado, de matriz hegeliana, no qual elas aparecem como coletivos uniformes, figuras simplificadas dos complexos grupos sociais assim como dos múltiplos conflitos imbricados no relacionamento entre eles. Em diferente leitura, Proudhon acentuava o pluralismo das antinomias intrínsecas à sociedade industrial, sintomático da vivência concomitante de várias contradições nas relações entre capital/ trabalho; monopólio/ concorrência; mecanização/destruição dos empregos, e desqualificação dos artesãos, dentre outras. Considerava também que tais contradições não obedeciam à leis históricas, ocasionando, portanto, desfechos imprevisíveis para os acontecimentos, além de não poder ser superadas por ruptura de curto prazo, por Revoluções políticas artífices de sociedades sem classes. Para ele, a Revolução aconteceria como um processo paulatino de busca de justiça e equilíbrio entre essas contradições, com avanços e retrocessos, pois constituíam um fenômeno que não se poderia extinguir.

Les divergences entre *Le Système des contradictions économiques* et les analyses du *Capital* se déploient, parcontre, dans les dialectiques socio-économiques que Marx tend à réduire à la dialectique fondamentale et permanente de la lutte de classes. Proudhon, plus attentif à la complexité et peu soucieux de réduire la pluralité sociale à l'unité, perçoit une diversité de contradictions dans lesquelles les initiatives individuelles et les résistances peuvent davantage se manifester. (...)Marx perçoit, dans l'évolution du capitalisme, une radicalisation inéluctable de la lutte de classes et son dépassement dans une révolution qui détruirait la dialectique des classes et ferait advenir la société sans classe. (...)la Révolution à laquelle appelle Proudhon, plutôt qu'un changement brutal et précipité, peut mieux se dérouler par une mutation progressive des structures et des pratiques [ANSART, 2004: 69; 92]

A terceira inconsistência se expressaria na percepção de Marx sobre a alienação religiosa. A resistência das religiões entre os povos e sua expressiva dimensão emocional, social e política seria, segundo Proudhon, um problema recorrente que o “otimismo científico” não poderia preencher, conforme, acrescenta Ansart, demonstrava no presente “*la resurgence de mouvements fondamentalistes*”:

Proudhon (...) ne pense pas que la religion soit un problème mineur que les progrès des connaissances scientifiques dissiperait comme une illusion sans gravité. (...) sur ce sujet, a perçu, beaucoup que Marx, la gravité du problème et l'éventuelle résistance des Églises à se séparer de l'État, le refus des populations à délaisser leur propre religion. Marx n'ignore pas le fait religieux, mais il en réduit l'importance aux adhésions individuelles [ANSART, 2004: 97]

Ainda sobre essa questão, menciona carta de 17 de maio de 1846 na qual Marx fora alertado para o risco do “dogmatismo político” e do comunismo tornarem-se uma religião secular “sous couvert d'une idéologie rationnelle et apparemment scientifique”. Então dissera Proudhon: “Ne nous faisons pas les chefs d'une nouvelle intolérance, ne nous posons pas en apôtre d'une nouvelle religion”. Reitera Ansart, tal receio se concretizaria na União Soviética, onde “L'évolution de la Révolution russe vers le marxisme-léninisme puis vers le totalitarisme stalinien devait donner à ces avertissements une tragique pertinence” [ANSART, 2004 : 98].

A reprodução de tal quadro de problemas nas experiências comunistas e democracias do século XX incentivou estudiosos de várias especialidades a explorar o rico debate intelectual do XIX, travado entre analistas dos conflitos da sociedade francesa – Saint-Simon, Fourier, Tocqueville, Marx e, especialmente, Proudhon [ANSART, 2004:19]. Nesse sentido, Ansart chama a atenção para as especificidades históricas, em 1970, da discussão sobre as relações de Marx com Proudhon: “il ne s'agit plus de savoir si l'analyse de Marx conduit, ou non, à la révolution prolétarienne, mais plutôt de savoir si elle comportait, ou non, des potentialités totalitaires”. A certeza sobre uma maior “lucidez” de Proudhon na percepção e trato daquelas questões políticas que permaneciam não permitia que se considerasse Marx “*l'inspirateur du*

totalitarism stalinien”, até porque suas análises sobre o capitalismo e sobre as revoluções do século XIX tinham uma complexidade que as apropriações politizadas ou economicistas de sua obra não haviam conseguido captar.

5. *Marx frente às revoluções: contribuições para uma teoria do imaginário social do século XIX*

Ainsi reconsidéré, l’oeuvre de Marx apparaît comme beaucoup plus complexe et interrogative qu’il paraît communément. Les lectures ultérieures, guidées par les préoccupations politiques, ont généralement gommé ces complexités et, en particulier, peu souligné cette attention apportée par Marx aux affectivités politiques [ANSART, 1997:173].

A pesquisa por argumentos questionadores da figura do Marx “monumento” cultuado por estados totalitários de esquerda, assim como para descobertas de eventuais aproximações com o anarquismo¹³, levaria Ansart a estabelecer profícuo diálogo com aquele filósofo-historiador a propósito de dois assuntos candentes na vida política europeia e mundial desde o século XIX – os conteúdos dos imaginários das classes sociais e sua eficácia na perpetuação do capitalismo e na eclosão das paixões revolucionárias – temas nucleares nos debates internos ao marxismo nos

13 Essa forma de abordagem valorizando o desempenho do homem enquanto figura historicamente colocada, criativa e atuante em experiências singulares inspirava-se, por um lado, na filosofia existencialista identificada com os socialismos de Maurice Merleau-Ponty e Jean-Paul Sartre, após seus rompimentos com o comunismo soviético ao final da guerra e nos anos 1950 respectivamente. Por outro, fundamentava-se na psicanálise de Sigmund Freud que Ansart, questionando fronteiras entre as ciências humanas, neste caso entre a psicologia e a política [ANSART:1990], incorporou na avaliação da dimensão profunda e perene dos sentimentos políticos identificados por Marx nas situações revolucionárias [ANSART:1979] assim como nos vínculos afetivos entre lideranças políticas e seus seguidores nos totalitarismos e nas democracias [ANSART:1983].

anos 1950¹⁴. Ansart encontra aqueles argumentos nos textos históricos do Marx analista da sociedade e dos acontecimentos revolucionários franceses do século XIX, preparados para a imprensa - *O Manifesto Comunista* (1848) [MARX&ENGELS,1994], *Os Manuscritos de 1844* [MARX,1994], *A luta de classes na França de 1848 a 1850* [MARX,1967] e *O 18 Brumário de Luís Bonaparte* (1852) [MARX,1969].

As proposições de Marx sobre imaginários e afetividades/paixões na política foram abordados em textos de Ansart desde o final dos anos 1960. Além de vários artigos¹⁵, destaco dois livros, *La gestion des passions politiques* (ANSART:1983)¹⁶ e *Les cliniciens des passions politiques* (ANSART:1997b). Questionando a tese de que Marx cindia ideias e realidade, razão e sentimentos, Ansart anotou a importância dos imaginários e das emoções em várias passagens de suas obras, construindo assim assertivas para interrogar o perfil estritamente racionalista e economicista prevalecente sobre o filósofo. Para tanto, reconhece a preocupação de Marx em descrever e teorizar representações sensíveis incluídas em diferentes situações criadas pelo capitalismo – nas relações de produção, nas práticas políticas e culturais – e a importância dessas representações na tessitura dos acontecimentos: “L’imaginaire ne reflète pas une pratique, mais au contraire participe à cette pratique comme une part constituante de celle-ci” [ANSART, 1968:102]¹⁷.

Em artigo de 1968, sinaliza como nos primeiros capítulos d’*O Capital* projetam-se representações constitutivas do processo de produção e troca no capitalismo, pelas quais os produtos são percebidos especialmente como objetos de troca, ou seja, “mercadorias”. Enquanto mercadorias, nas relações

14 O questionamento do Marx “monumento” cultuado na URSS e nos Partidos Comunistas oficiais originou intensos debates e rupturas dentro do marxismo desde os anos 1920, acentuados ao fim da segunda guerra e durante os anos 1950. Surgiram então várias dissidências e grupos em todo mundo. O mais conhecido deles na França foi o Partido Comunista Internacionalista Francês (1946) no qual se destacaram intelectuais que fundaram a revista “Socialisme ou Barbarie” (1948): Cornelius Castoriadis, Claude Lefort, François Lyotard e Edgar Morin dentre outros.

15 Cf. ANSART, Pierre. Marx et la théorie de l’imaginaire social. *Cahiers Internationaux de sociologie*. Nouvelle Série. V. 45 (juillet-décembre 1968) p. 99-116 ; La psychanalyse comme instrument d’analyse des situations idéologiques. In : *PERSÉE. L’homme et la société*. n. 51-54, 1979. Modes de production et de reproduction. p. 151-161.

16 Com tradução em português. Cf. ANSART, Pierre. *A gestão das paixões políticas*. Trad. Jacy Seixas. Curitiba-PR: Editora da UFPR, 2019.

17 A problemática das relações entre ideologia/imaginário e o real ganhava projeção e tornou-se objeto de estudo de vários filósofos contemporâneos de Ansart. Lembro Cornelius Castoriadis, Claude Lefort, Gilbert Durand, Henri Corbin, Paul Ricoeur.

entre vendedores e compradores, ganham a aparência predominante de coisas equivalentes, uma qualidade imaginada que Marx denominou “fetiche da mercadoria”. Tal equivalência se assentava num representado “valor de troca”, qualificação atribuída a todos os produtos, valor identificado com referência universal da riqueza: as moedas e o ouro. Essa modalidade de valor, também objeto de “desejo” de produtores e consumidores desta sociedade, tinha em sua origem práticas extorsivas do trabalho das classes exploradas, e viera suplantando concepção tradicional dos produtos, até então concebidos, imediatamente, como “valores de uso”:

L'imaginaire substitue à l'apparence qualitative du produit un champ indéfini de comparaisons entre les products, il transforme le produit du travail en objet d'échange et rend possible la transformation du travail en marchandise. (...) Dans son prix, la marchandise ne possède que l'apparence de l'or, (...) Ce n'est pas la présence d'un imaginaire que Marx va mettre en évidence, mais bien ce phénomène nouveau qu'est l'apparition d'un imaginaire fallacieux : le fétichisme de la marchandise. (...) La marchandise n'est plus, comme un valeur d'usage, recherchée pour sa consommation immédiate, elle est recherchée en tant que valeur de échange, mais elle est bien une 'valeur' et, comme telle, désirée [ANSART, 1968 : 101-103 ; ANSART, 1997:152].¹⁸

Ansart destaca ainda o imaginário reconhecido por Marx nas manifestações políticas e, especialmente, nas situações revolucionárias, expediente que as figuravam como um exercício teatral¹⁹. Nessa concepção teatralizada, os discursos políticos recorriam fartamente à metáforas, conferindo vida, em tom de farsa, à personagens e a fatos da história política e religiosa do passado, assim como à figuras bíblicas ou da mitologia greco-romanas. Em *La gestion des passions politiques* e *Les cliniciens des passions*

18 A leitura crítica do marxismo ortodoxo que explorou a presença de figuras do imaginário romântico no texto de *O Capital* e do *18 Brumário* perdurou ao longo dos anos 1970-80. Vamos encontrá-la, por exemplo, nos textos dos filósofos Paul-Laurent Assoun, *Marx e a repetição histórica* [ASSOUN, 1978] e de Roberto Romano, aluno de Claude Lefort, *Corpo e Cristal: Marx romântico* [ROMANO, 1983].

19 A importância da retórica na política e seu sentido farsesco, analisada por Marx, aparece também em escritos de seu contemporâneo Alexis Tocqueville [RIBEIRO, 2011:13]

politiques retoma o *18 Brumário*, e outros textos de Marx, para ressaltar a importância dada pelo filósofo-historiador aos “fantasmas coletivos”, “aos heróis mortos que continuaram a dominar o cérebro dos vivos” para justificar, concretizar e consolidar vitórias da burguesia nas revoluções de 1789 e 1848, assertiva incluída em trecho célebre que abre o texto:

Dans la première page du *18 brumaire*, Marx pose dans toute son ampleur le problème de l’imaginaire social et s’interroge sur les conséquences historiques des fantômes collectifs. Il fait alors une loi pour toutes les révolutions de ne pouvoir s’effectuer que par la création d’un imaginaire qui trouverait dans le passé les éléments de sa cohérence. De même que Luther ne put bouleverser la théologie qu’en s’identifiant à saint Paul, Cromwell dut emprunter le langage de l’ancien testament et les révolutionnaires de 89 reconstituèrent une phraseologie inspirée de la Rome antique. La Révolution de 1848, poursuivant cette création d’un imaginaire nourri des images passées, vécut son présent à travers le souvenir de la grande Révolution Française.(...) L’imaginaire collectif ne fut pas seulement l’une des déterminations d’une situation complexe, mais bien le mode conscient et nécessaire par lequel les révolutionnaires durent percevoir leur présent [ANSART, 1968:99 ; ANSART, 1997:156-157].

Essa valorização de representações tecidas com fantasmas do passado que acionavam eficazmente sensibilidades e comportamentos vinha enriquecer, e questionar, percepção anterior de Marx sobre a forma como as classes se representavam, percepção identificada essencialmente com seu desempenho material nas relações produtivas. A mudança decorreu de eventos “inesperados” segundo as expectativas teóricas do historiador no decorrer da revolução de 1848, testemunhos de possíveis imprevisibilidades históricas: o expressivo engajamento dos trabalhadores na derrubada da monarquia do rei Luís Filipe, lutando ao lado de classes socialmente inimigas (jornadas de fevereiro de 1848); a repressão sangrenta que os retirou completamente da cena revolucionária, apoiada por todos os segmentos aos quais tinham se aliado (junho de 1848); a vitória impactante de Luís Bonaparte para presidir a República, em dezembro de 1848, figura “mediocre e desconhecida” ligada

aos interesses dos grandes investidores e não daqueles que garantiram sua vitória - os camponeses. E, mais surpreendente ainda, o apoio deste segmento ao presidente no plebiscito de dezembro de 1851, um verdadeiro “golpe de estado” que lhe concedeu poderes extraordinários. Tanto a atuação dos trabalhadores de Paris quanto a do campesinato, associando-se afetivamente à campanhas contrárias a seus interesses de classe, revelaram o valor das imagens, dos sentimentos e das sensibilidades nas decisões políticas, levando Marx a significativas (re)interpretações:

Marx en fit l'expérience directe au cours de la révolution de 1848: la déception et la surprise que fut, pour lui, le coup d'État du 2 décembre 1851 l'amènèrent à repenser les limites d'une explication 'matérialiste' des affectivités politiques (...) Le coup d'État (...) fut donc bien, aux yeux de Marx, (...) un événement non prévu par le modèle antérieur d'analyse et imposant une reconsidération de ce modèle. D'où l'avertissement inscrit dans les premières lignes du *18 Brumaire*, qui invite à écarter le déterminisme économique pour réfléchir sur les mentalités et les traditions intériorisées [ANSART, 1997:156-157].

No *18 Brumário*, Marx reconsiderou especialmente a força do imaginário coletivo mobilizador dos camponeses, passando a definir as representações políticas dessa classe, a um só tempo, com referências materiais e também afetivas, não necessariamente vantajosas para ela. Assinalou, por um lado, como as marcas das atividades produtivas dos pequenos proprietários do campo reverberava na percepção parcelaria/individualizada da ação política. No entanto, apesar desse entendimento fragmentário do mundo, o segmento não deixava de se projetar como um coletivo na maneira de pensar e agir. Incapazes de falar diretamente e por terem uma visão religiosa de submissão a uma autoridade maior, colocada acima deles, criaram respeitoso vínculo com a “mitologia napoleônica”, com a memória de Napoleão I, tio de Luís Bonaparte, delegando-lhe a tarefa de agir por eles:

Reste à prolonger l'explication et à comprendre pourquoi ces paysans, isolés les uns des autres, sans échanges et sans

informations réciproques, ont majoritairement voté par Louis Bonaparte (...) Marx fait l'hypothèse que ces votes(...) sont en réalité, l'expression d'un transfert affectif de l'image de Napoléon Ier. Sur son neveu 'la tradition historique a fait naître dans l'esprit des paysans français la croyance miraculeuse qu'un homme portant le nom de Napoléon leur rendrait toute leurs splendeur'. Cet enchaînement fait apparaître une véritable logique affective historique et singulière [ANSART, 1997: 162; ANSART, 1983: 169].

O componente imaginativo e afetivo indispensável aos eventos revolucionários foi reconhecido também para a revolução social da classe operária, que deveria se desfazer das superstições apresentadas pela burguesia e se orientar pelos seus reais interesses e pela razão na construção da “sua revolução social”. Entretanto, mesmo para ela, Marx reconhece a necessidade de representações passionais e inspiradoras, porém distantes dos fantasmas do passado mobilizados nas lutas burguesas: ela deveria buscar sua “poesia” e sonho no futuro:

Il continue de penser que le plein développement du proletariat permettra d'éviter ces éléments 'passionnels'. Toutefois, il corrige considérablement cette hypothèse, en affirmant que la révolution sociale a besoin, pour se réaliser, d'une poésie', et que cette poésie ne pourra naître que de la représentation du futur(...) la révolution sociale a, elle aussi, besoin de rêve et d'un investissement affectif du futur [ANSART, 1997:169].

Os acontecimentos franceses de 1848 e 1871 (a Comuna de Paris) demonstrariam ainda, para Marx, a contingência de mais um componente indispensável às revoluções: a paixão revolucionária, desencadeadora da energia social capaz de realizar mudanças significativas, de demolir instituições e transformar as relações sociais. As revoluções seriam circunstâncias em que essa energia, estimulada pelos imaginários e pelos conflitos, mediante fluxos e refluxos, se exteriorizaria e traria a necessária aceleração do ritmo do tempo:

Comme Marx souligne à plusieurs reprises, la révolution entraîne les classes dans un rythme particulier, dans un temps fiévreux et accéléré où elles font en quelques semaines ce qu'elles auraient fait normalement en plusieurs siècles. Au milieu de ce tourbillonnement et ce désordre douloureux, elles se trouvent confrontées avec de multiples menaces changeantes et imprévues, elles passent par de phases d'espairs et de désillusions, d'ivresse et d'abattement. Ainsi la révolution se déroule-t-elle dans un climat de passion où les classes vont de l'extrême de l'enthousiasme à l'extrême du désespoir.(...) il s'agit bien de 'flux et reflux des passions' [ANSART, 1968 :110-111; ANSART, 1997:167].

A disposição de interrogar o Marx “monumento”, abordando alterações nas suas expectativas teóricas e políticas e a valorização dos argumentos afetivos em seus textos, possibilitou a Ansart demonstrar a complexidade e a amplitude das análises daquele interlocutor de Proudhon. A atenção para com a historicidade da produção de Marx também permitiu reconhecer balizas do conhecimento por ele praticadas, segundo as quais não poderia ser confundido restritamente com um “filósofo economicista da história”: Marx analisava eventos em um tempo em que as ciências humanas ainda não estavam seccionadas em campos estanques e limitadores:

L'oeuvre de Marx se situe en deçà du divorce entre les sciences économiques, l'histoire, la sociologie et la psychologie et s'interroge sur les rapports entre les domaines que les sciences sociales ont ultérieurement séparés.(...)L'attention apportée aux phénomènes affectifs montre bien cette complexité et combien Marx ne s'en tient pas à une philosophie économiciste de l'histoire, malgré quelques formulations provisoires[ANSART, 1997:171].

A atenção aos imaginários e às paixões políticas em Proudhon, Marx e outros escritores do século XIX seria apenas o começo de longa

pesquisa sobre a repercussão dos sentimentos na tessitura e sustentação das práticas e regimes políticos, com os quais Ansart conviveu direta ou indiretamente - a guerra, lideranças políticas, partidos, nacionalismos, utopias, democracias e totalitarismos – temas tratados no livro *La gestion des passions politiques* (1983). A reflexão sobre tais assuntos mobilizou aportes teóricos de várias especialidades, em destaque Freud, Lacan, Nietzsche, Arendt, Castoriadis, dentre muitos outros, também importantes nas análises dos sentimentos latentes nas democracias: as identidades [ANSART, 1998], o ressentimento [ANSART, 2001], a humilhação [ANSART, 2005/2006], as alteridades [ANSART, 2009], questões abordadas por Ansart a partir do ano 2000 nos Colóquios do *Núcleo História e Linguagens Políticas*, dos quais resultaram coletâneas no Brasil e na França. A percepção de que sentimentos²⁰ e paixões se repõem e se renovam no decorrer das experiências históricas, inspirou Ansart a tratar do tema no livro seguinte *Les cliniciens des passions politiques* (1997), onde apresenta analistas, “*cliniciens*” dos afetos políticos em diferentes historicidades, principiando por Confúcio e Santo Agostinho, passando por Maquiavel, Marx e Tocqueville, e chegando a Freud, o general de Gaulle e Raymond Aron.

Considerações Finais: sobre a defesa irrestrita da História, de suas utopias e imprevisibilidades

Un préjugé obstiné reste ici maintenu : qu'il n'y a pas de fin des idéologies comme il n'y a ni fin des pouvoirs, ni fin de l'histoire.. c'est l'illusion de chaque grand moment de la modernité que de prétendre dissiper les utopies et des mensonges pour instaurer,

20 A propósito desse liame com o Brasil, assinalo o interesse acadêmico internacional de Ansart materializado na orientação de teses de alunos vindos do “terceiro mundo” ou, de antigas áreas coloniais. Número significativo de trabalhos tratou de temas da história de países do Oriente (Vietnã do Sul, Coreia do Sul, Japão), da África (Argélia, Marrocos, Nigéria), da América Latina (México, Chile, Venezuela, Brasil) além de vários estudos sobre questões do Quebec, onde Ansart criou vínculos acadêmicos duradouros.

enfin, l'ordre social sur le socle de la raison et du consensus social. Or les “idées communes”, selon l'expressions de Saint-Simon, ne disparaissent pas : elles sont continuellement transformées, remaniées, elles sont une dimension permanente de la vie collective. L'analyse des idéologies est donc inépuisable et inachevée : elle constitue une introduction insolente et critique à l'étude de toute société, qu'elle soit d'hier ou d'aujourd'hui [ANSART, 1992a :315].

Procurei sintetizar parte dos percursos acadêmicos e diálogos de Ansart com suas fontes do século XIX, por ele retomadas para pensar questões europeias remanescentes daquele século, já identificadas nos escritos de Proudhon: alienações políticas, utopias revolucionárias e manifestações político-afetivas nos espaços públicos. Nesses diálogos, reconheceu evidências muito recorrentes: a presença decisiva e constante das imagens, dos sentimentos e das paixões na política e sua repercussão nas imprevisibilidades históricas. Ansart acompanhou o debate intelectual de muitos estudiosos das ciências humanas de sua geração, questionou a compartimentação científica estabelecida entre as disciplinas no século XX e valorizou abordagens abrangentes registradas em suas principais fontes – Saint Simon, Proudhon, Marx e Tocqueville – as quais (re)toma para compor um debate ou “restituir um campo intelectual comum sobre cujo fundo as originalidades reais poderiam ser melhor percebidas” [ANSART, 1969:9]. Concebeu, também, o estudo/pesquisa como análise e reflexão dos problemas contemporâneos e desempenho político crítico, desenvolvendo em todo seu percurso discreta, porém significativa atuação. Pela sensibilidade histórica nelas imbricadas, no seu conjunto, são assertivas teórico-metodológicas muito caras também para aos historiadores.

Questionador das interpretações que pressupõem leis históricas e acreditam em certo fim das ideologias, da luta de classes e, por conseguinte, da história, inspirando-se em Proudhon, Ansart apostou na permanência dessas problemáticas e no curso imprevisível das sociedades. Nesse sentido, fez sugestiva avaliação da revolta estudantil de 1968 na França: “totalmente imprevista”, em muitos aspectos similar aos comportamentos revolucionários de 1848 e 1871:

Une première chose est important à dire dans l'histoire de mai 68 c'est quelle fut totalement imprévue. Après les événements il a été écrit que bien des signes annonçaient le déclenchement de cette sorte de rébellion.(...) Mais, bien au contraire, il faut souligner que nous-mêmes, professeurs de sociologie, analystes de tout ce qui concerne les 'faits de société', au contact quotidien avec les étudiants (et les étudiants de sociologie, 'fers de lance du mouvement') n'avons perçu aucun signe annonciateur de tels événements. (...) S'il y a une première leçon à tirer de ce début imprévu, c'est bien que les mouvements 'effervescents' (pour reprendre le mot de Gurvitch) existent bien et peuvent être parfaitement imprévus [ANSART, 2004 :75].

A respeito desta “imprevisibilidade”, penso o quanto os temas e problemas da política poderíamos debater hoje com Ansart, a exemplo dos eventos impactantes ora em curso: as inacreditáveis possibilidades de retornos dos fascismos, com suas paixões políticas destrutivas e negacionismos; da “guerra fria”, distante dos comunismos, deflagrada por blocos redefinidos pela presença da China ao lado da Rússia, apoiando a invasão da Ucrânia e reavivando na memória situações da segunda guerra mundial e do pós-guerra. É inegável o quanto seu depoimento e obras têm sensível atualidade e oportuna vitalidade para a reflexão das perplexidades que nos afligem neste momento.

Referências

ANSART, Pierre. Marx et la théorie de l'imaginaire social. *Cahiers Internationaux de Sociologie*. Nouvelle Série. Paris: PUF.v. 45 (juillet-décembre 1968) p. 99-116.

ANSART, Pierre. *Marx et l'anarchisme*. Essai sur les sociologies de Sint-Simon, Proudhon et Marx. Paris:PUF, 1969.

ANSART, Pierre. *La gestion des passions politiques*. Lausanne: L'Age d'Homme, 1983.

ANSART, Pierre. *Psychanalyse et science politique: la querelle des*

frontières In: DUPRAT, Gérard (dir.) *Connaissance du politique*. Paris: PUF, 1990, p.9-44.

ANSART, Pierre. La psychanalyse comme instrument d'analyse des situations idéologiques. In : PERSEE. *L'homme et la société*. n. 51-54, 1979. Modes de production et de reproduction. p. 151-161. http://www.persee.fr/doc/homso_0018-4306_1979_num_51_1_1977, Acesso 15/01/2022.

ANSART, Pierre. La présence du proudhonisme dans les sociologies contemporaines. In: *Mil neuf cent*. Revue d'histoire intellectuelle n. 10, 1992a, Proudhon l'éternel retour. http://www.persee.fr/issue/mcm_1146_1225_1992_num10_1 . Acesso 20/10/2021.

ANSART, Pierre. Postface. Itinéraire. In: AUBERT, France (org.) *Variations Sociologiques. En hommage à Pierre Ansart*. Paris: L'Harmattan, 1992b, p. 315-316.

ANSART, Pierre.(org.) *Rencontres autour de Pierre Fougeyrollas*. Paris:Harmattan, 1993.

ANSART, Pierre. De Hanoi aux Passions Politiques. *Les Cahiers du Laboratoire de Changement Social*. Paris: Université Paris-VII-Denis Diderot. n.1. 1996.

ANSART, Pierre. Proudhon à travers le temps. In: *L'Homme et la société*. n.123-124, 1997a. Actualité de l'anarchisme, pp. 17-24. Doi :103406/homso.1997.2876 . Acesso 24/01/2022.

ANSART, Pierre. *Les cliniciens des passions politiques*. Paris: Seuil,1997b.

ANSART, Pierre. Identités et passions identitaires. In: ANSART, Pierre; BRESCIANI, Stella. Sentiments et Identités. Les paradoxes du politique. *Les Cahiers du laboratoire de changement social*.n. 4. Paris :Université Paris 7 – Denis Diderot, 1998, p. 129-148.

ANSART, Pierre. História e memória dos (res)sentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs.) *Memória e (res)sentimento*. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001, p. 15-36.

ANSART, Pierre. Quatre leçons de philosophie sur les passions politiques. In: CURAPP, *Passions et sciences humaines*. Paris: PUF, 2002, p.17-30.

ANSART, Pierre. Entrevista. In: PESSIN, Alain & PUCCIARELLI (org.). *Pierre Ansart & L'anarchisme proudhonien*. Lyon:

Atelier de Création Libertaire, 2004.

ANSART, Pierre. As humilhações políticas. In: MARSON, Izabel A. NAXARA, Márcia (org.) *Sobre a Humilhação: sentimentos, gestos, palavras*. Uberlândia: EDUFU, 2005, p. 15-30.

ANSART, Pierre. Les humiliations politiques. In: DÉLOYE, Yves e HAROCHE, Claudine (org.) *Le Sentiment d'Humiliation*. Paris: Éditions In Press, 2006. p. 131-146.

ANSART, Pierre. Ideologias políticas e alteridade. In: NAXARA, Marcia, MARSON, Izabel A., BREPOHL, Marion. (orgs.) *Figurações do Outro*. Uberlândia:EDUFU, 2009, p. 125-136.

ANSART-DOURLIN, Michèle. *Le choix de la morale en politique*. Le rôle des personnalités dans la Résistance. Paris :Librairie François-Xavier de Guibert, 2004.

ANSART-DOURLIN, Michèle. *L'action politique des personnalités et l'idéologie jacobine*. Rationalisme et passions révolutionnaires. Paris: L'Harmattan, 1998.

Archives Proudhoniennes. 2012. Trentenaire de la Société P.-J. Proudhon. *Bulletin Annuel dela Société P.-J. Proudhon*. Centre Nationale du Livre.

ASSOUN, Paul-Laurent. *Marx e a repetição histórica*. Trad. Wilson Sidney Lobato. Rio de Janeiro:Civilização Brasileira:1979.

AUBERT, France (org.) *Variations Sociologiques. En hommage à Pierre Ansart*. Paris: L'Harmattan, 1992.

CASTORIADIS, Cornelius. Herança e revolução. In: *Figuras do pensável. As encruzilhadas do labirinto*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, v. VI. p. 175-196.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elizabeth. *De quoi demain*. Dialogue. Paris: Galilée, 2001.

FOUGEYROLLAS, Pierre. Pierre Ansart, sociologue des idéologies et des sociologies. In: AUBERT, France (org.) *Variations Sociologiques. En hommage à Pierre Ansart*. Paris: L'Harmattan, 1992, p.11-18.

MARX, Karl. *Les luttes de classes en France*. Paris: Éd Sociales, 1966.

MARX, Karl. *Le 18 Brumaire de Louis Bonaparte*. Paris: Éditions

Sociales, 1969.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *Manifeste du Parti Communiste*. In: MARX, Karl. Oeuvres. Paris: Gallimard, 1994.

NGUYEN, Thuy Phuong. “Sel, soufre et mercure”. Un multiculturalisme avant la lettre : mémoires d’anciens élèves des lycées français au Sud-Vietnam 1954-1975. In : AUBERT-NGUYEN, Hoai Huong e ESPAGNE, Michel. (org.) *Demópolis. Le Vietnam*. Open edition Books. p. 169-185. <https://books.openedition.org/demopolis/486> . Acesso 23/09/2020.

NGUYEN, Thuy Phuong. *L’école française au Vietnam de 1945 à 1975*. De la mission civilisatrice à la diplomatie culturelle. Thèse de doctorat de Sciences de l’éducation. Paris : Université Paris Descartes, 2013.

TRINH, Nghia Trinh. “Le professeur Ansart et moi”. In: *Le Temps des Flamboyants*. vol 1. Amicale des anciens élèves du lycée Chasselup-Laubat/ Jena-Jacques Rousseau, 2005.

RIBEIRO, Renato Janine. Introdução: A política teatral. In: TOCQUEVILLE, Alexis. *Lembranças de 1848*. As jornadas revolucionárias de Paris. Trad. Modesto Florenzano. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.9-18.

ROMANO, Roberto. Corpo e Cristal: *Marx Romântico*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1983.

RECEBIDO EM: 06/03/2022
APROVADO EM: 04/04/2022